

PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS À DOR MUSCULOESQUELÉTICA ENTRE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ – BAHIA

Adriana Lopes Coelho - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-BA.
adrianacelhofisio@hotmail.com

Ana Cláudia Conceição da Silva - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-BA.
anaclaudiacs@gmail.com

Thalles da Costa Lobé Pereira - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA.
lobepereira@yahoo.com.br

Luciana Santos de Albuquerque - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-BA.
lucy_albuquerque@hotmail.com

Tânia Maria de Araújo - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA.
araudo.tania@uefs.br

INTRODUÇÃO

No Brasil, o modelo de atenção à saúde caracterizou pelas práticas médico-curativas, as quais não atendiam às necessidades da população devido seu caráter excludente (ROSA e LABATE, 2005). O reconhecimento da crise deste modelo fomentou a busca do setor saúde por modificações no processo saúde-doença-cuidado (ROCHA e ALMEIDA, 2000).

Adotando-se o referencial da Atenção Básica à Saúde (ABS), o governo federal delineou na década de 80 um modelo de atenção que priorizou a família, promoção da saúde e melhorias no estilo de vida e do meio ambiente (ROCHA e ALMEIDA, 2000).

Os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) são elementos efetivos da ABSe atuam em questões que envolvam saúde/doença, educação/informação e prevenção/assistência (SILVA e DALMASO, 2004; ESPÍNOLA e COSTA, 2006). Porém, a precarização das suas condições de trabalho os expõem a cargas físicas, mecânicas e psíquicas, responsáveis pelo aparecimento de quadros dolorosos musculoesqueléticos (NASCIMENTO e DAVID, 2008; SANTOS FILHO e BARRETO, 2001; RIBEIRO, 2008).

A dor musculoesquelética pode ser decorrente de posturas, movimentos inadequados, aspectos da organização do trabalho e dos fatores ambientais e psicossociais constitui uma das principais causas de absenteísmo no trabalho, sendo pouco investigada entre os ACS (MACIEL, FERNANDES e MEDEIROS, 2006).

Este estudo objetiva estimar a prevalência e os possíveis fatores associados à dor musculoesquelética entre agentes comunitários de saúde do município de Jequié-BA.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo é um recorte do Projeto Multicêntrico "Condições de Trabalho, Condições de Emprego e Saúde dos Trabalhadores da Saúde na Bahia", com coordenação geral do Núcleo de Epidemiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Trata-se de um estudo preliminar de corte transversal, descritivo-exploratório, cujo campo de estudo foi o município de Jequié - BA.

A população de estudo foi composta por 137 agentes comunitários de saúde, dentre o total de 274 que estavam em efetivo exercício profissional na zona urbana do município de Jequié.

O instrumento de coleta de dados conteve questões sociodemográficas, ocupacionais, sobre hábitos de vida e o Questionário Nôrdico de Sintomas Osteomusculares (QNSO).

A análise dos dados foi realizada com os softwares *Statistical Package for Social Sciences (SPSS) for Windows*[®], versão 9.0 e R, versão 2.12.1. As variáveis de interesse foram descritas por meio de frequências absolutas e relativas. Em seguida, verificaram-se as prevalências de dor musculoesquelética geral e por área anatômica.

A associação entre dores musculoesqueléticas e variáveis sociodemográficas, ocupacionais e de hábitos de vida foi avaliada por meio das razões de prevalência, respectivos intervalos de 95% de confiança e pelos testes de qui-quadrado e exato de Fisher. Os dados foram apresentados no formato de tabelas.

Este estudo segue a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado pelo CEP/UEFS sob nº 081/2009.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil da população estudada está em destaque nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1- Caracterização da população segundo variáveis sociodemográficas e hábitos de vida. Jequié, Bahia, 2011.

Variáveis	N	(%)
Sexo (N=137)		
Masculino	017	12,4
Feminino	120	87,6
Faixa etária (N=137)		
20 a 29 anos	022	16,1
30 a 39 anos	060	43,8
40 a 49 anos	037	27,0
≥ 50 anos	018	13,1
Número de filhos (N=133)		
Sem filhos	029	21,8
1 filho	037	27,8
2 filhos	041	30,9
3 ou mais filhos	026	19,5
Situação conjugal (N=137)		
Solteiro	037	27,0
Casado	071	51,8
União consensual/ União Estável	015	11,0
Viúvo	003	02,2
Divorciado/ desquitado	011	08,0
Frequência de atividade física (N=137)		
Nunca	063	46,0
1 a 2 vezes por semana	047	34,3
3 ou mais vezes por semana	027	19,7

Tabela 2- Caracterização da população segundo variáveis ocupacionais. Jequié, Bahia, 2011.

Variáveis	N	(%)
Tempo de trabalho (N=137)		
1 a 3 anos	033	24,1
4 a 7 anos	035	25,5
8 anos ou mais	069	50,4
Vencimento bruto mensal (N=111)		
Até 1 salário mínimo	024	21,6
Mais de 1 salário mínimo	087	78,4
Postura em pé (N=137)		
Raramente	009	06,5
Às vezes	072	52,6
Sempre	056	40,9

Postura sentada (N=137)

Raramente	042	30,7
Às vezes	093	67,8
Sempre	002	01,5

Deslocamento (N=137)

Raramente	002	01,5
Às vezes	018	13,1
Sempre	117	85,4

Carregar peso (N=137)

Raramente	043	31,4
Às vezes	066	48,2
Sempre	028	20,4

Sem fazer pausas (N=137)

Raramente	056	40,9
Às vezes	073	53,3
Sempre	008	05,8

A prevalência geral de dor musculoesquelética nos últimos 12 meses foi de 82,5% (n=113) e de dor nos últimos 7 dias foi de 64,2% (n=88). Dos investigados, 32,8% (n=45) responderam que a presença de dor nos últimos 12 meses impediu-os de trabalhar e 48,2% (n=66) relataram ter realizado consultas a algum profissional da saúde por causa da dor.

A prevalência de dor musculoesquelética foi maior nos indivíduos do sexo feminino (83,3%), com idade entre “30 a 39 anos” (86,7%), que tinham “3 ou mais filhos” (88,5%), casados (84,5%), que não praticavam atividades físicas (87,3%), que trabalhavam como ACS há “4 a 7 anos” (88,6%), recebiam “mais de 1 salário mínimo” (83,3%), relataram que sempre carregavam peso (89,3%), ficavam em pé (89,3%), se deslocavam (85 %), sempre ficavam sem realizar pausas (87,5%) e naqueles que ficavam sentados durante o expediente de trabalho (83,2%).

A dor musculoesquelética foi significativamente maior na faixa etária de “30 a 39 anos”. Em estudo realizado por Carvalho e Alexandre (2006), os mesmos observaram associação entre dor nos ombros e a faixa etária de “30 a 39 anos” em professores do ensino fundamental. Conforme esses autores, essa fase da vida representa o período altamente, expondo a fatores de risco para a dor.

A dor musculoesquelética também foi significativamente maior entre os indivíduos com tempo de trabalho entre “4 a 7 anos” e “8 anos ou mais”. Fernandes, Rocha e Costa-Oliveira (2009) verificaram que um maior tempo de trabalho provocou quadros álgicos intensos em docentes da cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Em alguns casos, esses sintomas foram responsáveis por afastamentos no trabalho. Entretanto, Gurgueira, Alexandre e Corrêa-Filho(2003) e Carvalho e Alexandre (2006) verificaram que as dores musculoesqueléticas foram frequentes entre trabalhadores com tempo menor de trabalho, sendo a fase de adaptação dos profissionais responsável pelos desgastes físicos.

CONCLUSÃO

Por fim o estudo revelou que a prevalência de dor musculoesquelética nos ACS foi acentuada e que fatores individuais e ocupacionais podem estar associados a essa questão. Os resultados são relevantes devido à escassez de estudos nacionais com esta categoria profissional e indicam a necessidade de estudos longitudinais e prospectivos com amostra representativa. A dor musculoesquelética pode ter impacto direto na qualidade de vida, nos modos de realização das atividades diárias e na produtividade.

Portanto, sugerem-se maiores investimentos em pesquisas sobre o tema e o cumprimento das políticas públicas voltadas para a promoção da saúde para esse e outros grupos de trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE: Condições de Trabalho; Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho; Trabalhador da Saúde.

EIXO:Epidemiologia

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A.J.F.P.; ALEXANDRE, N.M.C. Sintomas osteomusculares em professores do ensino fundamental. **Rev Brasileira de Fisioterapia**, 10(1):35-41, 2006.

ESPÍNOLA, F.D.S.; COSTA, I.C.C. Agentes comunitários de saúde do PACS e PSF: uma análise de sua vivência profissional. **Rev de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, 18(1): 43-51, 2006.

FERNANDES, M.H.; ROCHA, V.M.; Costa-Oliveira, A.G.R. Fatores associados à prevalência de sintomas osteomusculares em professores. **Rev Saúde Pública**,11(2), 2009.

GURGUEIRA, G.P.; ALEXANDRE, N.M.C.; CORRÊA FILHO, H.R. Prevalência de sintomas músculo-esqueléticos em trabalhadoras de enfermagem. **Rev Latino-Americana de Enfermagem**, 11(5):608-13, 2003.

MACIEL, A.C.C.; FERNANDES, M.B.; MEDEIROS, L.S. Prevalência e fatores associados à sintomatologia dolorosa entre profissionais da indústria têxtil. **Rev Brasileira de Epidemiologia**, 9(1): 94-102, 2006.

NASCIMENTO, G.M.; DAVID, H.M.S.L. Avaliação de riscos no trabalho dos agentes comunitários de saúde: um processo participativo. **Rev. de Enfermagem**, UERJ, 16(4):550-6, 2008.

RIBEIRO, I.Q.B. Fatores ocupacionais associados à dor músculo-esquelética em Professores [dissertação na Internet]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

ROCHA, S.M.M.; ALMEIDA, M.C.P. O processo de trabalho da enfermagem em saúde coletiva e a interdisciplinaridade. **Rev Latino-Americana de Enfermagem**, 8(6): 96-101, 2000.

ROSA, W.A.G.; LABATE,R.C. Programa saúde da família: a construção de um novo modelo de assistência. **Rev Latino- Americana de Enfermagem**, 13(6):1027-34, 2005.

SANTOS FILHO, S.B.; BARRETO, S.M. Atividade ocupacional e prevalência de dor osteomuscular em cirurgiões-dentistas de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil: contribuição ao debate sobre os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. **Cad Saúde Pública**, 17 (1), 2001.

SILVA, J.A.;DALMASO, A.S.W. Agente Comunitário de Saúde: O Ser, O Saber, O Fazer. **Cad Saúde Pública**, 20(5):1433-1437, 2004.